

### **Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários**

Rachel Soihet\*

Os estudos sobre zombaria são tributários daqueles do riso e, nesse particular, destaca-se a contribuição de Mikhail Bakhtin que em sua obra, inspirada em Rabelais, enfatiza a significação positiva, regeneradora, criadora do riso, já presente em teorias de filósofos da Antigüidade, culminando na Idade Média e no Renascimento com seu caráter utópico dirigido contra toda forma de hierarquização social. Fato que teria ocorrido até o advento da sociedade burguesa, quando o cômico tornar-se-ia uma arma ideológica, e o caráter moralizante e hierarquizante a característica definidora da sátira moderna, burguesa, diferenciando-a da medieval e renascentista<sup>1</sup>.

Por outro lado, Quentin Skinner, em trabalho recente, que busca mostrar as conexões entre as concepções filosóficas de Hobbes e a cultura humanista da Renascença, igualmente, remontando a Antigüidade, ressalta como um dos aspectos da teoria do discurso persuasivo, a crença na utilização do riso como uma arma potente em debates legais e políticos<sup>2</sup>. E a perspectiva que ele realça, de forma diversa a Bakhtin, é aquela do constrangimento, a qual igualmente foi acentuada por E. P. Thompson e Natalie Z. Davis ao focalizarem os *charivari* manifestações de forte presença popular em que o aspecto constrangedor da zombaria constitui-se na marca<sup>3</sup>.

Será esse o aspecto que merecerá espaço preferencial nessa abordagem, já que a utilização da zombaria, ridicularizando-se as mulheres, como freio para os possíveis desequilíbrios de poder entre os sexos constitui-se em algo habitual, perdendo-se na longa duração. Já na Grécia Antiga, tais formas de expressão manifestavam-se, das quais uma das mais conhecidas revela-se na obra de Aristófanes, mais precisamente, na comédia *Assembléia de Mulheres*, em que a mensagem veiculada é a de que a participação política das mulheres só podia constituir-se em objeto de riso e de característica infamante para os homens. Dentre os mais famosos exemplos daqueles que seguem esta trilha, em séculos bem mais à frente, lembremos Molière com suas *Preciosas Ridículas*, zombando das mulheres, na sua concepção, pretensamente intelectualizadas. E, a Revolução Francesa, cujo grande mérito constituiu-se na sua contribuição ao reconhecimento dos Direitos dos Homens, representou contraditoriamente para as mulheres um retrocesso nos diversos níveis. Apesar do papel relevante que desempenharam no movimento, quando da institucionalização das mudanças advindas, as mulheres são excluídas da cidadania política e civil, recorrendo-se à natureza como justificativa, acerca do caráter diverso de ocupação que se impunha aos dois gêneros. Concretizando tais formulações o deputado Chaumette, opõe-se à participação de representação feminina na Assembléia apelando para tais diferenças, em que se percebe a utilização da ironia, com vistas a ridicularizar tais pretensões das mulheres<sup>4</sup>.

*Est-ce à nous? Nous a-t-elle donner des mamelles? A-t-elle assoupi nos muscles pour nous rendre propres aux soins de la hutte, du ménage?*

No século XIX, ainda na França, não há como deixar de mencionar Honoré Daumier, célebre caricaturista, radical republicano e fervoroso antifeminista. Nos moldes do socialista Proudhon manifesta uma reação irracional à participação das mulheres fora do ambiente doméstico, assunto em que republicanos, monarquistas e até socialistas convergiam, dado revelador de que as contradições de gênero atravessavam as diversas colorações políticas e de classe. Tal postura de Daumier pode ser avaliada em sua obra, nas três séries: *Les Bas-Bleus* (1844), relativa às mulheres intelectuais, particularmente, as literatas; *Les Femmes Socialistes* (1844), referindo-se às militantes e *Les Divorceuses*, com vista às mulheres que defendiam o divórcio. As feministas, as literatas e todas aquelas que fugiam ao estereótipo feminino tradicional são apresentadas como feias, supremo pecado da mulher, masculinizadas, grosseiras e algozes dos maridos<sup>5</sup>.

---

\* Profª do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Colaboraram nessa pesquisa as bolsistas Sabrina Machado Campos do PIBIC e Flávia Copio Esteves do CNPq.

Estes são exemplos da utilização dos discursos cômicos e/ou a palavra espirituosa como arma, a fim de manter a inferioridade feminina e possibilitam um contato com a luta empreendida na construção dos papéis de gênero, observando-se o obstinado recomeçar dos combates, os avanços e recuos as incômodas semelhanças e as promissoras diferenças em relação ao passado<sup>6</sup>. Na verdade, tenho enveredado por esta senda, a partir da segunda metade do século XIX, mais precisamente, no período que se estende entre 1870 e os anos 1930 e na presente pesquisa procurarei investigar aquele correspondente ao final dos anos 1960 até os anos 1980, focalizando, especialmente, o Rio de Janeiro.

Esse período, alvo do meu interesse atual, tem como marca a efervescência e a forte reação contra a ordem e a moral tradicional. Nos anos 1960, em meio à prosperidade do pós-guerra, mas também em plena guerra fria, reage parte significativa da juventude contra a repressão e o controle ostensivo de que se considerava refém. A desilusão com os valores do mundo capitalista, mas também com o daquele que se dizia socialista era a marca, para a qual, especialmente, no Ocidente muito contribuíram as idéias de Herbert Marcuse. E, assim, toma vulto a marcha em prol de um mundo novo, de uma utopia que, iniciada nos Estados Unidos posteriormente estourou com intensidade em outras partes do mundo, como a França e a Alemanha, mas que também na América Latina e na porção do "socialismo real" esteve presente. É o sonho libertário que se busca, através de uma nova concepção de política e de cultura que concilie justiça social e liberdade, arte e vida. Em suma, emerge a célebre rebelião contracultural dos anos 1960, propondo toda uma série de mudanças no plano da criação literária, artística, do comportamento individual e da atuação política. Na esteira dessa rebelião uma outra emerge, qual seja a rebelião das mulheres. Assim, irrompe uma nova vaga feminista nos Estados Unidos e na Europa, a qual, também, se manifestou, vivamente, no Brasil. No momento, o país via-se acochado pela ditadura militar que assumiu o poder, após o golpe de 1964 e dentre as várias modalidades de luta contra o regime, destacou-se o empenho de alguns em opor-se ao regime, através, da ridicularização, no que se destacou o tablóide *O Pasquim*, publicado semanalmente, naqueles "anos de chumbo". Boa parte de seus membros inspirada nessa atmosfera afastava-se do dogmatismo de muitos marxistas, na época, caracterizando uma postura plural, suprapartidária voltando-se para o combate ao autoritarismo e a crítica de costumes.

Paradoxalmente, porém, comprometeram seu propósito libertário, ao assumir uma postura misógina, dirigindo sua mordacidade, igualmente, para as mulheres que se decidiram pela luta com vistas a atingir direitos e/ou que no seu cotidiano assumiam atitudes consideradas como inadequadas ao que se considerava próprias à feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros. Estas, por sua vez, em muito lembrando reflexões de Virgínia Woolf, denunciavam como uma mistificação a separação entre o público e o privado, entre o pessoal e o político, insistindo sobre o caráter estrutural da dominação, expresso nas relações da vida cotidiana, dominação cujo caráter sistemático apresentava-se obscurecido, como se fosse produto de situações pessoais<sup>7</sup>. Articuladas a esse clamor, estavam as manifestações contrárias à permanência de padrões patriarcais na organização da família, além das exigências que reforçavam estereótipos para as mulheres, como: maternidade compulsória, modelos de beleza, delicadeza etc. Dispostas a derrubar tabus como os da virgindade obrigatória para as mulheres solteiras, buscavam a plena assunção de seu corpo de sua sexualidade. Entre outros, mulheres buscam superar a tradicional concepção da mulher-mãe para enfatizar a questão da mulher sexualizada, lançando-se a questão do aborto e da contracepção. Igualmente, tem lugar uma forte movimentação contra a violência, voltada para as mulheres espancadas e ameaçadas de morte.

Contra estas mulheres, as temidas "feministas", lançavam seus dardos inúmeros dos articulistas de *O Pasquim*. Antigos estereótipos são restaurados, entre outros, a feiúra, a menor inteligência ou, inversamente, o perigo da presença desse atributo, a inconseqüência, a tendência à transgressão, a masculinidade com vista a identificar negativamente aquelas que postulam papéis considerados privativos dos homens. Não poucas matérias registram tais "qualidades" das feministas, o que aproxima os libertários desse jornal alternativo do momento da contracultura dos misóginos de outras

épocas. Na verdade, o descrédito daquelas que ousavam ameaçar a ordem tradicional dos gêneros era o objetivo de sempre.

As imagens de radicalidade, agressividade, masculinidade atribuídas a tais mulheres podem ser apreciadas, através de um comentário deste jornal sobre a invasão pelas feministas do gabinete do editor da revista *Ladie's Home Journal*

*para protestar contra a imagem cri-cri que a publicação projeta da mulher americana. Fumaram charutos do cara, puseram os pés em cima da mesa dele, disseram-lhe toda a espécie de desaforos, exigiram uma edição especial sobre o orgasmo, etc.etc. etc. usaram o banheiro dos homens...*<sup>8</sup>

Seguia-se uma observação jocosa, reiterando a concepção tradicional, masculina, que nada tinha de inovadora, acerca do tipo de mulheres – belas e bem torneadas - que teria boa acolhida naquele jornal:

*Olha aqui, a gente aqui d'O Pasquim é toda pelo feminismo, desde que seus representantes sejam do nível de Tânia Caldas ou Marina Montini. O Tarso já está mandando alargar o nosso banheiro, acrescentando-lhe toda espécie de comodidades. Podem vir a qualquer hora. Welcome!*

Outro membro do periódico em foco, de destacada sensibilidade quanto a questões de classe e destemido opositor do autoritarismo, com relação às feministas não escondia seu conservadorismo:

*Em 1972, a mulher vai usar cabelos compridos, soltos ou permanentes. Vai usar bolsas enormes, sandálias presas no dedo, pantalonas em cores berrantes, colares psicodélicos, pulseiras e anéis!  
Em 1972, a mulher vai usar camisas (camisolas?) bem largas, transparentes, rendadas ou floridas. Pintará as unhas e na cintura levará cintos enormes de couro maravilhosos!  
No frio usará mantôs longos e botas macas. No verão camisetas leves de malhas colantes (sem sutiã).  
Tudo isto porque, em 1972, a mulher conseguirá realizar um velho sonho seu: ser igual ao homem!*<sup>9</sup>

E matérias se sucedem, buscando acentuar, de forma das mais desrespeitosas, que papéis mais se adequavam às mulheres...

*Em Connecticut, nos EUA, as licenças de cachorro têm a forma de um hidrante. Organizações feministas prontamente protestaram contra a discriminação sofrida pelas cadelas. Depois as mulheres se queixam quando a gente manda elas pro tanque, pra cozinha, pra cama, esse lugares enfim onde são mais úteis, chateiam menos e podem usar melhor a cabeça. (os grifos são nossos)*

O mesmo articulista, em período anterior, comenta um festival de filmes dirigidos por mulheres ocorrido em Londres, em que demonstra o preconceito embutido contra as mulheres intelectualizadas, marcando sua crônica com uma conotação irônica e, mesmo, ofensiva com relação a algumas delas, valendo-se de referências ligadas a sexualidade, mas de forma indelicada e, como sempre, irônica. Um das diretoras, Susan Sontag, na sua opinião, “lembra uma daquelas moças do Norte, vagamente lésbicas, que a gente vivia encontrando nas “vernissages” loucas pra darem pra alguém “artístico”. Outra, a conhecida literata Marguerite Duras “parece uma dessas senhoras dedicadas à perversão das crianças pelo teatro infantil, escrevendo peças com títulos feito “A formiguinha que foi a lua”, “O coelhinho que dava”, etc”<sup>10</sup>.

Ainda, numa outra ocasião, destaca: “Ei, feministas: em primeiro lugar os direitos humanos. Depois, então, a gente vê o caso de vocês, tá?”<sup>11</sup>. No que deixa claro uma das razões de sua intolerância para com as feministas, deixando entrever sua filiação a idéias da esquerda tradicional; ou seja, de que resolvida a problemática da desigualdade

de classes, outras contradições seriam enfrentadas no seu devido tempo, fato que não se comprovou historicamente, analisando-se a trajetória do “socialismo real”.

Ao comentar uma série de reportagens que a revista *Realidade* vinha fazendo sobre o que as mulheres pensavam do homem brasileiro, Millor Fernandes um dos principais articulistas de *O Pasquim*, refere-se às feministas de uma forma grosseira, identificando o seu anseio de emancipação com o desejo de uma simples promiscuidade sexual “por serem emancipadas e se terem dado assombrosamente bem na emancipação, elas resolveram que não bastava só deitar com quem bem entendeu (pois o que se chama emancipação é, em geral, deitar com quem bem entender) e resolveram também deitar filosofia”. E não perdia qualquer oportunidade para fustiga-las<sup>12</sup>. Inclusive transcrevendo trecho de uma entrevista do cineasta Roman Polanski, em que este afirma: “Causa uma tremenda indignação dizer que as mulheres, em media, são menos inteligentes do que os homens, mas acontece que isso é verdade”<sup>13</sup>.

Enfim, a mulher que pensa, que fala, que escreve, a mulher que reclama, que se revolta é frustrada, feia e altamente perigosa. Realidade que há não longo tempo era endossada pelos médicos, Para a maioria deles, as mulheres normais eram pouco inteligentes e houve os que asseguraram que aquelas dotadas de forte inteligência se revelavam extremamente perigosas, constituindo as criminosas natas. Eram incapazes da abnegação, da paciência, do altruísmo que caracterizam a maternidade, função primordial das mulheres a que estaria subordinada toda a organização biológica e psicológica daquelas normais<sup>14</sup>. Em fins da década de 1960 como nos anos 1970 os libertários de *O Pasquim* voltam a se utilizar desses velhos argumentos, buscando através da zombaria o descrédito dos movimentos de mulheres em busca de uma cidadania plena, expressando, de forma similar aos misóginos que os antecederam, o pavor de uma mudança que ameaçasse a ordem tradicional dos gêneros. Ressuscitam velhos estereótipos, sem deixar de acentuar a obrigatoriedade da beleza para as mulheres que as dispensariam de outros atributos. Esse é o tom da matéria sobre a estréia de Mônica Hirst, (também repórter do Correio da Manhã) como humorista n’ *O Pasquim*, afirmando-se que “é muito bonitinha, de maneira que não precisava saber escrever”. Já em 1973, Jaguar afirmava que em matéria de reivindicação pelos direitos da mulher era muito mais a Brigitte Blair, atriz que se destacava por suas formas, que a escritora Rose Marie Muraro. E o próprio Jaguar pergunta à jornalista Cidinha Campos se o “show” que estaria promovendo, era em parceria com Heloneida Studart, Rose Marie Muraro e Betty Friedan. Ao que ela respondeu “Betty Friedan não. Os feios que me perdoem, mas beleza é essencial”<sup>15</sup>.

Outras mulheres entrevistadas assumiram, igualmente, discursos que garantiam a desigualdade entre os gêneros, além de revelar um extremado preconceito acerca da inteligência e da sexualidade feminina. Esse é o caso da respeitada intelectual e, também, jornalista Adalgisa Nery, a quem Paulo Francis indaga acerca do que pensava sobre “um dos problemas mais discutidos hoje no mundo (...) o problema do status da mulher na sociedade, a chamada emancipação da mulher”. Responde Adalgisa: “eu sou contra feminista, acho horrroso feminista. Acho que a mulher é um complemento do homem” arrematando que ambos formariam uma unidade. Mais adiante, dizia que liberdade para a mulher seria algo muito difícil. E, após um complicado jogo de palavras, acerca da dificuldade de saber ser mulher, “porque ela tem que usar uma liberdade como afirmação da sua personalidade”; sendo a personalidade muito ligada a vivência (...) pode ter experiência, mas experiência não é vivência”, concluía dizendo que ela própria nunca sentiu necessidade da liberdade. Ao que Francis lembrou a peculiaridade do seu caso, já que ela atuava como qualquer homem, tendo feito literatura, política e, também, constituído uma família. Desenvolvendo-se o debate da intelectual com outros membros daquele jornal, como Sérgio Cabral e Fausto Wolff, especialmente, sobre o feminismo, esta sustenta a ignorância da burguesia brasileira e, particularmente, da mulher, incapaz de formar uma opinião sobre a leitura de um livro e, mesmo, de um jornal.. Fato que lhe impedia de alcançar a emancipação, pois “pra haver emancipação, pra que seja uma coisa objetiva, produtiva, precisa haver conhecimento, não ser ignorante”. Verifica-se que a referida intelectual apresenta uma atitude manifestada, via de regra, por seus companheiros de ofício, inclusive,

da própria esquerda na época, que se viam acima da massa ignara, no caso em foco as mulheres, a quem se devia trazer as “luzes” do conhecimento, livrando-as da ignorância em que estavam mergulhadas, com vista a possibilitar sua conscientização e libertação. Voltando à entrevista, levanta-se o tema do homossexualismo feminino, sendo perguntada sua opinião a respeito, ao que ela, imediatamente, lança o anátema: “acho porco”.

Também aqui se confirma algo muito presente, já visto entre os homens, uma intelectual que na época assumia posições esquerdistas, mostra-se fortemente contrária à luta das mulheres pela emancipação, portanto infensa às discussões, naquele momento, acesas sobre a questão da igualdade de gêneros. Assim, observa-se a concordância de uma mulher com representações que garantem a dominação masculina, que o historiador Roger Chartier chama de violência simbólica como aquela que supõe a adesão pelos dominados das categorias que embasam sua dominação<sup>16</sup>. E, mais, assumindo uma posição das mais reacionárias quanto à sexualidade.

Líder do movimento norte-americano National Organization of Women (Organização Nacional de Mulheres), em 1971, Betty Friedan veio ao Brasil a convite da Editora Vozes, para o lançamento de seu livro *A Mística Feminina*. Nele, lançado nos Estados Unidos, em 1963, denuncia os males para as mulheres americanas do forte movimento, após a segunda guerra mundial, através de diversos veículos como o cinema, a publicidade e até os consultórios de muitos psicanalistas, de estímulo para que estas regressassem e/ou permanecessem em seus lares dedicadas ao cuidado exclusivo dos filhos e do marido, tornando – as prisioneiras de “um confortável campo de concentração”. Clama pela importância do reconhecimento das potencialidades femininas, devendo assumir ocupações, responsabilidades sociais e participação na vida política e econômica em igualdade de condições com os homens, não lhes cabendo continuar a atuar como meras consumidoras de produtos industrializados. Igualmente, lhes caberia possuir poder de decisão, sobre seu próprio corpo e sobre seu futuro, especialmente no que diz respeito à maternidade, a qual não deveria ser encarada como um ônus, um pesado fardo a ser carregado pelas mulheres, mas como uma opção. Por outro lado, sua oposição igualmente se estende à associação da mulher com a imagem de símbolo sexual, utilizada como instrumento nas propagandas, para divulgar produtos e auxiliar as vendas, e para a concepção da mulher como uma mercadoria, exposta em revistas como a americana Playboy<sup>1</sup>. Tais transformações beneficiariam homens e mulheres que atuariam como companheiros, ultrapassando-se a rígida divisão de tarefas que atribui à mulher as atividades domésticas e o cuidado com as crianças, e ao homem o sustento da família, fazendo com que ambos compartilhassem os problemas, as alegrias, as responsabilidades e as ocupações<sup>17</sup>.

Foi exemplar, quando de sua estada no Brasil, a entrevista com a feminista em foco realizada pelo *O Pasquim*, e os desdobramentos provocados por sua suposta feiúra... Ante a afirmação de Paulo Francis, acerca do excessivo individualismo e da preocupação obsessiva de certas feministas americanas com problemas sexuais, Friedan sustenta uma posição contrária a respeito, acentuando a preocupação do feminismo, não apenas com as questões específicas das mulheres. Ressalta sua estreita vinculação com os movimentos políticos de oposição ao domínio norte-americano sobre os demais povos, como com as lutas dos negros pelos seus direitos que ocorriam no momento nos Estados Unidos:

*Minha definição da mulher, primeiro como uma pessoa, significa que eu devo me sentir responsável, como americana, e preocupada, como americana, com a repressão tanto dentro de meu próprio país como fora, no Camboja, Vietnam, etc., no sentido que esse país, o meu, está se tornando um poder do mal no mundo. Eu devo ter uma voz, não só no que afeta meu corpo como o aborto, etc., mas também no que diz respeito à guerra ou à paz, o problema das cidades, a opressão dos negros – pois todos esses problemas estão relacionados. Mas se eu não tiver essa voz? Como tantas mulheres que não se libertaram. Então, a energia, a raiva irão alimentar e ser usadas pelos fascistas.*

---

<sup>1</sup> “Betty Friedan está aqui, e o homem corre perigo”. *Diário da Noite*, sexta-feira, 16 de Abril de 1971, Edição Matutina, 1º Caderno, pág. 10.

Destaque-se a sua lucidez em mostrar a correlação existente entre as mulheres que permanecem alheias à problemática do contexto em que vive e o seu apoio à direita. Fato que lhe faz merecer elogios de Paulo Francis, que lembra a célebre marcha de mulheres, apoiando o golpe militar de 1964: “As nossas malamadas que o digam. Lembram-se delas? Marchando, marchando, marchando, como sonâmbulas”<sup>18</sup>.

Ainda em sua entrevista, frente à provocação de Millor Fernandes de que o movimento das mulheres não teria um objetivo, Friedan replica, afirmando ser o feminismo parte integrante da contracultura, reiterando sua vinculação com o todo e representando a libertação de mulheres e homens:

*O movimento da mulher é apenas uma parte do todo de uma grande revolução humana que está acontecendo no meu país. No atual estágio dessa revolução a mulher é uma parte muito importante, mas ela não é um fim em si mesmo.*

*É uma parte integrante da contracultura. Em várias faculdades e uma universidade de absoluta maioria masculina em Berkeley, em todo lugar, tenho falado dessa questão de libertação, não só da mulher mas também do homem..<sup>19</sup>.*

Mas, o que ela falou não ecoou positivamente para o célebre entrevistador, já que o próprio Millor, posteriormente, em fevereiro de 1972, frisa: *o orgulho de ser considerado porco chauvinista, já que quem assim o julgou foi Betty Friedan em pessoa, e ela em pessoa é muito mal apessoada*. Mais uma vez, execra-se uma mulher, diante do maior defeito que poderia apresentar – e que defeito poderia ser pior que a feiúra física, questiona criticamente Parturier? Esta é a própria prova do erro, do desvio, da monstrosidade<sup>20</sup>.

Frente a tais investidas, esperava-se que as mulheres não reagissem, ou o fizessem com “savoir faire”, como se depreende da observação de Paulo Francis:

*Betty não sabe o que é humor. Confunde o dito com “piada”. Humor é uma realidade crítica, e não uma chalaça. (...). E humor, Betty, é ainda uma forma de sanidade mental. Pobre da cultura, do movimento que não sabe rir de si próprio. This way lies the firing squad.*

Francis parece, também, querer que se interprete tais formas burlescas de apresentar as mulheres empenhadas na luta por direitos, como algo sem maiores conseqüências visando apenas divertir o público leitor. Na verdade, porém, percebe-se um aspecto perverso nessas insinuações, o que me faz enquadrar tais colocações numa das modalidades de violência simbólica contra as mulheres. Isto, porque a reiteração da comicidade na abordagem de suas reivindicações tende a difundir uma imagem em voga, acerca das feministas como “viragos”, pesadas como elefantes, perigosas, feias... Imagens que se contrapõem ao ideal feminino, constantemente re-atualizado de beleza, meiguice, delicadeza, paciência. resignação, o que não poucas vezes leva mulheres a rejeitar sua inserção no feminismo e até a combatê-lo. Evidencia-se que algo aparentemente inofensivo como a zombaria, o deboche configuram-se como forma de violência, inoculando representações com vistas a conservação do *status quo*, através da ridicularização de movimentos em prol de mudanças com relação aos papéis exercidos por mulheres e homens na sociedade.

---

## Notas

<sup>1</sup> Mikhail Bakhtin. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais. São Paulo/Brasília, Hucitec/UnB, 1987.

- <sup>2</sup> Quentin Skinner. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo RS: Editora UNISINOS, 2002.
- <sup>3</sup> DAVIS, Natalie Z. "Razões do Desgoverno." e "Notas." *Sociedade e cultura no início da França Moderna. Culturas do povo*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. pp 87-106; 244-256; THOMPSON, E.P. "Rough Music" "Notas". *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp 353-405; pp 470-481
- <sup>4</sup> Utilizo ironia como tropo literário que empresta ao discurso um caráter satírico, segundo Hayden White. "Teoria literária e escrita da história" *Estudos Históricos* 13. Rio de Janeiro, vol.7, n.13: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p.31-32.
- <sup>5</sup> Honoré Daumier. *Intellectuelles (Bas-Bleus) et Femmes Socialistes* (Préface de Françoise Parturier; Catalogue et Notices de Jacqueline Armingeat). Paris, Ed. Vilo-Paris, s/d; Janis Bergman-Cartori. "Conduct Unbecoming: Daumier's and "Les Bas-Bleus" in *Femmes d'esprit. Women in Daumier's Caricature*. University Press of New England, 1990.
- <sup>6</sup> ARIÈS, Philippe. A História das Mentalidades. In.:GOFF, Jacques Le. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.153-176.
- <sup>7</sup> Eleni Varikas. "Gênero, Experiência e Subjetividade: a propósito do desacordo Tilly - Scott" In: *Cadernos Pagu* n. 3. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, 1994, p. 97.
- <sup>8</sup> Pedro Ferreti. "Podem Vir". *O Pasquim*. Rio, 14 a 17/04/70.nº 42. p.30.
- <sup>9</sup> Henfil. "Previsão Mulher". *O Pasquim*, RJ, 11 a 17/01/72. nº 132. p.20. As dicas.
- <sup>10</sup> Ivan Lessa. "De Londres: Festival de filmes femininos". *O Pasquim*. RJ, 18 a 24/12/69. nº 26. p.14.
- <sup>11</sup> Ivan Lessa. "Questão de prioridades". *O Pasquim*. RJ, 06 a 12 /02/76.Nº 345. p.31.
- <sup>12</sup> Millôr Fernandes. "Barbarelas". *O Pasquim*. RJ, 25 a 31/12/69. nº27, .p.2.
- <sup>13</sup> Millôr Fernandes. "Ói, ô lib". *O Pasquim*. RJ, 02 a 09/02/72. . nº 135, p.22.
- <sup>14</sup> Françoise Parturier lembra nesse particular o Dr Guillois, o qual em 1904 no *Étude médico-psychologique sur Olympe de Gouge*, concluía que as mulheres que participaram da Revolução Francesa eram histéricas... In Daumier. Op. Cit., p. 20; Cesare Lombroso et Guglielmo Ferrero. *La femme criminelle et la prostituée* (traduction de l'italien) 1896; as referências a Lombroso, ao longo do texto foram retiradas do meu trabalho: *Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana. 1890-1920*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1989.
- <sup>15</sup> Entrevista com Cidinha Campos. *O Pasquim*. R.J., 31/12 a 06/10/1975,. nº 287, p.12.
- <sup>17</sup> "Betty Friedan: nós não estamos contra os homens". *Correio da Manhã*, quarta-feira, 14 de Abril de 1971, 1º Caderno, pág. 5. / "Betty Friedan: a mulher no poder". *Correio da Manhã*, quarta-feira, 14 de Abril de 1971, Caderno Anexo, pág. 1; Flávia Copio Esteves. *A visita de Betty Friedan ao Brasil: Anos de Contestação e Movimento Feminista*. Mimeo.
- <sup>18</sup> Paulo Francis. "Francis X Friedan". *O Pasquim*. R.J., 22 a 28/4/71, nº 94. p.
- <sup>19</sup> "Betty Friedan". *O Pasquim*. RJ, nº 94, In *As Grandes Entrevistas do Pasquim*. (2ª edição). RJ, Ed. Codecri, 1976, p.75.
- <sup>20</sup> Françoise Parturier In Daumier. Op. cit. p.20.